

## ARTIGO 2

## A DIGNIDADE DA TEOLOGIA COMO AUTOEDUCAÇÃO

Ocir de Paula ANDREATA\*

**RESUMO:** A Teologia, segundo a tradição aristotélico-tomista, possui a dignidade de scientia por excelência, ao colocar-se acima das demais ciências por buscar tornar seu conhecimento uma sabedoria. Neste sentido, como ética, a teologia tem um papel fundamental na educação do ser do sujeito humano. E, bem assim, uma dignidade na autoeducação do ser em ciência para a sabedoria transcendental e a piedade pessoal, que implicará na qualidade do viver humano e no enriquecimento do sentido da vida. O objetivo deste ensaio é refletir sobre a questão da Teologia como conhecimento de autoeducação do sujeito humano para sua consecução de uma plenitude da vida. Utiliza como método a análise qualitativa de textos teológicos, dentro da tradição tomista, especialmente da *Questio I* da *Summa Teológica*, de Tomás de Aquino. Como roteiro ao presente estudo o debate de tema é distribuído em: 1) A teologia como scientia e sapientia; 2) A teologia como sabedoria; 3) A teologia como piedade; 4) A teologia como autoeducação. Como resultado, espera-se poder apontar

---

\* Doutor em Teologia pela PUCPR, Mestre em Filosofia, graduado em Teologia e Psicologia, Especialista em Sexologia, pesquisador sobre o tema da Individualização; professor e coordenador do Curso de Especialização em Sexualidade Humana, Universidade Positivo/PR. E-mail: ocirandreta@gmail.com

reflexivamente para o aspecto da teologia como processo subjetivo de autoeducação do sujeito humano para a vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teologia; Sabedoria; Autoeducação.

## INTRODUÇÃO

Quando a *philosophia*, ao longo de sua história no Ocidente, crescentemente questionou o que é a sabedoria, uma vez que o termo composto de *philos-sophía* literalmente supunha que o filósofo é um “amigo da sabedoria”, o fez sempre a partir da razão, sendo que o filósofo é essencialmente aquele que opta pensar utilizando-se unicamente da razão. Esta literalidade do termo, entretanto, supunha também a aquisição do “saber” de uma verdade absoluta, cuja aquisição tornasse o homem um “sábio” (*sophós*), isto é, alguém que não precisasse mais “buscar o conhecimento”, tendo alcançado a condição de mestre de si, e assim também, mestre do outro.

O problema, entretanto, começa desde cedo exatamente pelo próprio uso do instrumento da razão (*lógos*), que se rege sempre pela pergunta, pelo questionamento e pela crítica, para

formular conceitos cuja “vontade de busca” (*philos*) já não é nunca “verdade absoluta” (*sophía*), porque sempre deslocante através da cadeia de significantes de um discurso. Portanto, através do pensamento, o discurso da sabedoria evoca a relação com outros termos e conceitos, como o amor (*philein*) como um saber (*epistéme*) e a sabedoria como verdade (*alethéia*); mas também saber quem é o homem (*antropós*) capaz do conhecimento e os limites deste saber, e assim por diante. Neste caso, como aponta Tomás de Aquino (1225-1274), o próprio nome teologia (*theología*) literalmente refere-se a um, “discurso sobre Deus” (AQUINO, 2001, p.147).

Todavia, a questão da sabedoria é anterior a filosofia, pois por toda a Antiguidade os saberes obtidos pelas vias da religião em todas as culturas e tradições supunham ser caminhos para a sabedoria, entendida esta como o guia da vida correta no sentido certo para a vida eterna. Assim, desde sempre, a sabedoria está ligada à conduta moral e o destino final do homem. Portanto, é desta forma também que a Bíblia a

apresenta, notadamente nos livros de sabedoria do Antigo Testamento.

Neste modo de conhecimento nem a teologia muito menos a sabedoria podem ser pensadas somente a partir do conhecimento racional, senão que supõem um conhecimento revelado. Portanto é coisa da fé e esta é confiança numa verdade cujo fundamento é inabalável.

Então, em se tratando de teologia com fundamento de ciência, como costuma afirmar em suas aulas o Prof Clodovis Boff, é Tomás de Aquino quem ergue a catedral do fundamento teológico científico e a *Suma Teológica* (ST) sua máxima expressão. A questão I, que abre o Vol I da ST, trata dos fundamentos da *sacra doctrina* (teologia) como *scientia* (ciência) e *sapientia* (sabedoria), pelo uso tanto da *fides* (fé) quanto da *ratio* (razão). Portanto, a pergunta do Art 6 sobre se a *Teologia é uma sabedoria*, sobre o que aqui nos interessa refletir, é certamente seu principal foco.

Todavia, toda esta catedral de conhecimento destina-se, acima de tudo, à educação do próprio sujeito de fé, como

autoeducação em sabedoria de vida. Considerando-se a fé como experiência pessoal de busca de transcendência da pessoa humana à factualidade para além da própria existência terrena, justifica-se pensar o saber da teologia como uma experiência de espiritualidade pessoal, própria, antes que um discurso religioso dogmático para o outro. Neste sentido ensejamos delinear o caminho de nossa reflexão.

## **1. A TEOLOGIA ENTRE A *SCIENTIA* E A *SAPIENTIA***

No *Prólogo*, Tomás de Aquino apresenta os escritos da *Suma* como instrução de autoeducação espiritual cristã aos alunos de teologia, e quer apresentá-la de modo simples e direto como uma síntese da doutrina cristã: “Por esta razão nos propusemos nesta obra expor o que se refere à religião cristã do modo mais apropriado à formação dos iniciantes” (AQUINO, 2001, p.135).

Os artigos de 1-10 da Questão I tratam de apresentar a *Sacra Doctrina* como uma unidade em si e a delimitação de sua natureza, objeto e método. Nesta abertura da ST, a “doutrina

sagrada” (Teologia) é investigada nos seguintes termos: sua natureza, além das ciências filosóficas (a.1); unidade, quer como objeto formal, quer como unidade material (a.3-7); a questão de se a teologia é uma ciência especulativa ou prática (a.4), qual sua relação com outras ciências (a.5) e se ela merece o qualitativo de sabedoria (a.6). O artigo 8 considera a aplicação do *método* (discursivo) à doutrina sagrada, e os artigos 9 e 10 são consagrados a questões de hermenêutica escriturística (AQUINO, 2001, p.137).

De fácil leitura, porém árida e prolixa devido ao uso da argumentação silogística característica da escolástica, a *Suma*, como síntese da teologia tomista, é de fato uma teologia filosófica, pois fundamenta suas teses muito mais pelo Filósofo (Aristóteles) que sobre a Escritura. A preocupação de Aquino é dar cientificidade à doutrina cristã.

Conforme Alberto Escalada Tijero (2001, p.75), o artigo 2 é central para a ideia da sacra doutrina quando responde à pergunta se a *teologia trata-se de uma ciência*. A resposta na *Suma* afirma ser a Teologia uma “ciência” que procede de uma

“ciência superior” (*superioris scientiae*): “É desse modo que a doutrina sagrada é ciência: ela procede de princípios conhecidos à luz de uma ciência superior, a saber, da ciência de Deus e dos bem-aventurados” (AQUINO, 2001, p.140). Portanto, a coloca acima de todas as demais ciências do homem.

Quanto ao uso do termo “teologia”, conforme Tijero (2001, p.75), Tomás usa várias expressões, mas raramente a palavra *theología*, pois esta só se torna mais usada quando um campo de conhecimento se torna mais definido a partir do séc. XVIII. Então, a expressão tomista da *sacra doctrina* é ainda “um conceito muito indeterminado, com uma grande equivocidade técnica”.

Todavia: “O saber que se vai introduzindo acerca da natureza e da ciência do homem determina um certo deslocamento no campo de trabalho teológico”. Assim, “À ‘inteligência da fé’ vão acedendo aportes que já não são somente técnicas novas para o exame de textos, senão realidades: um mundo de objetos com indiscutível consistência

metafísica e com evidente repercussão humana”<sup>1</sup> (TIJERO, 2001, p.76).

Quando Sto. Tomás encara na *Suma* a cientificidade da *sacra doctrina* já se tem pronunciado sobre o tema, em diversos sentidos, alguns mestres importantes. Já se tem reconhecido o direito a argumentar em teologia. Chegou-se a considerar se a teologia é ciência, se bem que se tem concluído que bem mais uma sabedoria efetiva e piedosa: não se constrói segundo os procedimentos da ciência (*deffinitivus, divisivus, colletivus*), senão segundo aos da narrativa bíblica, ao modo da Sagrada Escritura (TIJERO, 2001, p.78).

Inicialmente, usando a matriz aristotélica, Aquino coloca a teologia como *necessária (anágke)* para a salvação do homem, uma vez que Aristóteles na *Metafísica IV* coloca a *theología*<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Evidentemente que aqui o autor pretende demonstrar o progresso da utilização da lógica argumentativa aristotélica por Tomás de Aquino para a teologia, como já era largamente utilizada no âmbito da educação escolar medieval, em relação à forma argumentativa de Agostinho, como usada na *Doctrina Cristina* (RJ\Petrópolis: Vozes, 2002), um manual de exegese bíblica onde Agostinho sintetiza as doutrinas cristãs.

<sup>2</sup> Aristóteles coloca a *Theología* como Ciência (*epistéme*) pura, que a princípio também se utilizaria da matemática, porém diz que como seu objeto o *Theion* é o “princípio causal incausado”, “imóvel e eterno” não pode ser conhecido pelos métodos das ciências, a teologia é inútil ou não alcança seu objetivo.



como “ciência primeira” da *philosophia prima* (*metaphísika*), e que este “conhecimento sobre Deus” pode ser alcançado com “o que a razão humana pode pesquisar a respeito de Deus”, e sobretudo por “revelação divina” (a.1). Portanto, a teologia é uma composição de “verdades naturais” e “verdades sobrenaturais”, que exige a instrumentalidade de razão e fé ao mesmo tempo.

Todavia, a *theología* como *scientiae* procede da *revelatio*, isto é, não é só “pela fé”, mas que sobretudo “inspira a fé”. Em Aquino a teologia-ciência é *sacra doctrina*,<sup>3</sup> pois trata da “razão de Deus” (*Teo fidei*) e não somente da “razão de ser” (*metafísica*), evocando o fundamento já posto e sedimentado por Agostinho em sua afirmação: “A esta ciência pertence apenas aquilo pelo qual a fé, bem salutar, é gerada, alimentada, defendida,

---

Assim, restará em Aristóteles e depois nos estoicos uma *teologia natural*, baseada na metafísica da natureza como sendo uma expressão do *Theós*.

<sup>3</sup> Aquino, porém, põe a dignidade da *Teologia* sob o influxo das *Sagradas Escrituras*, da *Tradição Teológica* que já vem desde a antiguidade judaico-cristã (Antigo e Novo Testamento), e também da *Igreja* cuja instituição já é posta desde o “fundamento dos Apóstolos”, é corroborada pelos “Pais” (Patrística) e estabelecida por sua presença no mundo.

corroborada” (*Trinitate*, XIV); logo, a teologia é *intellectus fidei* (1.2), uma inteligência a serviço da fé (AQUINO, 2001, p.139).

Tomás de Aquino afirmando que a doutrina sagrada é uma ciência “una” (a.3), uma *scientia en se*, pois é a unidade de uma “potência” ou de um “hábito” (*potentiae et habitus*) adquirido pela revelação (*revelatio*) à luz da fé (*fides*) e clarificada pela razão (*ratio*) em “sua razão formal”, pois têm o mesmo “objeto” (Deus); então, “Isto faz com que esta ciência apareça como *impressão da ciência de Deus*, una e simples com relação a tudo” (*impressio divinae scientia*) (AQUINO, 2001, p.142).

Surge, então, o problema de se saber se a teologia é somente uma ciência contemplativa (*speculativa*) ou se também visa a ação (*scientia practica*), satisfazendo a exigência para ser ciência (*epistème*) “de acordo com o Filósofo no livro II da *Metafísica*” (a.4). Aquino responde que “a doutrina sagrada”, ainda que seja “mais especulativa que prática”, porém, “compreende em si, uma e outra”, ou seja, é tanto teórica quanto prática (*sit speculativa et alia practica*). (AQUINO, 2001, p.142).

Posto tal *status*, vê-se a excelência da teologia, pois “Entre as ciências especulativas deve-se considerar como a mais excelente aquela que é mais certa ou a que trata dos mais elevados objetos” (a.5); assim, ela é mais excelente das ciências porque recebe “sua luz da ciência divina” (AQUINO, 2001, p.143).

Assim, se “o mais elevado objeto” da teologia é a salvação do homem, então tal excelência, na verdade, é traduzir o saber (*scientia*) teológico numa sabedoria (*sapientia*) para a vida no mundo (a.6). Então, “Esta doutrina é, por excelência, uma sabedoria, entre todas as sabedorias humanas. E isto não apenas num gênero particular, mas de modo absoluto”, porque julga os demais saberes e ações humanas a partir da “uma causa mais elevada” – Deus (AQUINO, 2001, p.145).

No restante dos *Artigos* (a.7-10) da *Questio I* da ST, Aquino corrobora a excelência da teologia como ciência e sabedoria. Esta doutrina é sagrada porque “Deus é o sujeito desta ciência” (a.7). E, ainda que esta doutrina se valha de argumentos racionais (a.8), da sua causa divina é melhor pensá-la “assumindo o *efeito* em lugar da definição dessa causa”

(p.148), ou seja, cabe mais à teologia demonstrar Deus através do que Ele produz na ordem da natureza e da graça do que tentar defini-lo. Por isso é que as Sagradas Escrituras se utilizam de *metáforas* para a explicitação dos atos divinos, pois seus efeitos são poéticos (*poiésis*) na natureza e na humanidade (a.9). Neste afã se expressa a excelência das Escrituras, pois que encerram em si vários sentidos (a.10). Portanto, Sto. Tomás eleva a teologia à categoria tanto de ciência como de sabedoria, necessária e universal (AQUINO, 2001, p.153-156).

## 2. A TEOLOGIA COMO PIEDADE

Se, então, por um lado a teologia como *sabedoria* (razão) busca sua fundamentação na revelação como também no estudo científico, o que pode levar a uma demasiada racionalidade; por outro, como  *piedade* (mística) busca sua função na experiência mesma, mas que também pode exceder no recolhimento, clausura de si, autocomiseração e distanciamento do povo.

Como mostra Clodovis Boff (2012; 2015),<sup>4</sup> a busca pela piedade, que caracteriza a vida pessoal do teólogo desde a antiguidade cristã e que pode ser vista no exemplo da experiência própria de Sto. Tomas de Aquino, é uma solução de equilíbrio à excessiva racionalidade dos programas de formação teológica da modernidade.

Desde os primórdios da era cristã o estudo e a formação em teologia cristã fez sentir o impacto dos confrontos entre a fé (*fides*), como pura crença e dedicação às coisas de Deus, e a razão (*ratio*), como livre reflexão sobre todas as coisas no que se crê e, não obstante, desde então a teologia sofre os

---

<sup>4</sup> O Prof Clodovis Boff, em dois artigos sobre esta temática insiste na necessidade de equilíbrio entre racionalidade e espiritualidade na formação do teólogo na atualidade. Em *União de teologia e piedade: no pensamento e na vida de Santo Tomás* (2012); Revista Eclesiástica Brasileira, t. 72. N. 286, p. 437-448, abril 2012; BOFF diz que “A relação da teologia com a piedade tornou-se problemática, e isso desde a Idade Moderna” (2012, p.109). E em *Teologia e espiritualidade: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração* (2015); Revista Pistis & Praxis, Teol. Pastoral, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 112-141, jan./abr. 2015; BOFF afirma que: “Pretende-se mostrar que a espiritualidade é uma dimensão intrínseca de toda teologia, sem prejuízo, porém, à sua cientificidade — antes, é exigência, ainda que paradoxal, desta última” (2015, p.113).

deslocamentos a ambos os lados como sobre um mesmo eixo de possibilidades.

Uma vez que Aquino dedica sua *Suma* aos “noviços nesta doutrina”, também Clodovis Boff recoloca o problema aos “jovens teólogos”: “Em relação a tal situação, cresce, entre as novas gerações de estudantes de teologia, uma demanda insistente por reconexão entre teologia e espiritualidade. Muitos jovens teólogos acham a teologia atual racionalista, ácida e hipercrítica” (BOFF, 2012, p.109).

Se por um lado alguns teólogos podem deslocar-se demasiadamente para o lado da racionalidade filosófica e científica, esfriando o coração e entrando em crise em suas convicções de fé; por outro, alguns que se deslocam demasiadamente para o polo da fé, enquanto busca em práticas espirituais podem também desenvolver uma vida exclusivista, introspectiva e purista, distanciada de práticas pastorais entre o povo em seu dia a dia comum muitas vezes beirando entre a mística e a loucura. Ambos os extremos devem ser evitados em função de um justo-meio espiritual.

Clodovis Boff (2012, p.109) apresenta Sto. Tomás de Aquino como exemplo de um dos maiores teólogos da Igreja “para mostrar como ele viveu e pensou a relação teologia e espiritualidade”, pois apesar do estereótipo de racionalista escolástico, também “foi um grande contemplativo”. Assevera que Sto. Tomás “Era um homem de uma extrema humildade, o que significa que era inteiramente esvaziado de si. O que lhe interessava não era seu eu, mas a verdade, quer de Deus, quer das coisas mesmas” (BOFF, 2012, p.110).

Boff afirma que, para Sto. Tomás, “a teologia é ou pode ser ciência, isto é, saber explicativo, rigoroso, metódico e sistemático”, mas se seu objetivo é o Mistério, então “seu discurso tem que ser místico”, logo “a teologia é necessariamente um discurso unguído de sacralidade” (BOFF, 2012, p.111). Portanto, em Aquino, “a teologia não só não diminui a fé, mas antes ajuda a crer com mais firmeza e convicção” (p.113). Pois, “É em sua própria existência teológica que Sto. Tomás viveu o método que ele propôs em seus escritos, isto é, o das duas fontes da teologia: o estudo e a oração, ou seja,

a sabedoria racional, fruto do esforço pessoal, e a sabedoria infusa, dom do Espírito Santo” (BOFF, 2012, p.115).

Quanto ao dizer dele que Teologia é ou pode ser ciência, entendemos ciência no sentido aristotélico, ou seja, no sentido da lógica e da argumentação. A Teologia produz um saber seguro sempre quando é referenciado pelas Escrituras. A ciência é uma ferramenta para se construir a Teologia. A palavra grega utilizada por Aristóteles para “ciência” é *epistème*, que, segundo Marilena Chauí (2002, p.500), quer dizer: “conhecimento teórico das coisas por meio de raciocínios, provas e demonstrações; conhecimento teórico por meio de conceitos necessários e universais”.

Boff afirma que a Teologia é a ciência da sabedoria e da piedade, como resultado de dois fatores: o estado intelectual e a experiência intelectual (*discens*). Assim, o estudante da Teologia deve combinar o estudo intelectual e sabedoria espiritual, pois a sabedoria é inclinação do coração: é sofrimento (*patiens*).



Portanto, o desenvolvimento autoeducativo na piedade é o exercício da paciência no sentido de sofrimento, saber esperar, o que para muitos já se torna um sofrimento nos dias atuais. Possivelmente a permissividade moral devido a acessibilidade à informação atual seja um obstáculo à piedade do teólogo moderno, o que nos leva a vários questionamentos sobre o sentido e a finalidade da formação teológica hoje. A própria *Suma Teológica* é escrita tanto como conteúdos de aulas magistrais quanto lições de piedade e devoção aos iniciantes da teologia (BOFF, 2012, p.117).

A sabedoria é a vivência das Escrituras como verdades supremas. Na concepção hebraica, a sabedoria não se limitava ao conhecimento, mas à habilidade de ter vida piedosa que Deus planejou para o homem (Dt 4. 5-8). Nos livros poéticos e sapienciais da Bíblia a sabedoria é adquirida tanto da capacidade de reflexão e meditação sobre o sentido da vida a partir dos acontecimentos existenciais, quanto também da busca de aplicação prática cotidiana dos ensinamentos espirituais transmitidos pela tradição. Em Provérbios o “temor

do Senhor é o princípio da sabedoria” (Pv 1.7). Este temor é o ponto de partida para alcançar a sabedoria; uma reverência a Deus que se expressa em submissão à Sua vontade. Esta admiração reverente e temor submisso são fundamentais para todo conhecimento espiritual e sabedoria.

Sto. Tomás propõe que o estudo não dificulta a piedade, antes a favorece. Mas o embate entre conhecimento e piedade gera certa crise de fé e da razão, pela qual todos passam no desafio dos estudos teológicos. Nossa fé não pode apenas se basear em discurso humano, mas no poder de Deus (1Co 4.20). A razão se alimenta de interrogações; mas a fé, de exclamações. O caráter individual não é medido pela magnificência das palavras, mas pelo poder da vida.

Boff (2012, p.118) diz que, pessoalmente, Sto. Tomás sempre buscava sabedoria na oração, pois a oração é a prova da incapacidade de confiança absoluta no saber. A ordem bíblica é de se buscar sabedoria pela oração (Tg 1.5-6). Essa ordem é recomendada como parte necessária da vida diária do cristão. Na vida de Sto. Tomás, estudo e a oração se complementavam.

Resta saber como transportar o exemplo de tal piedade, característica da vida monástica, ambientada obscuridade da medievalidade, como modelo aos estudiosos da teologia em plena complexidade da vida moderna.

### 3. A TEOLOGIA COMO AUTOEDUCAÇÃO EM SABEDORIA

No artigo 6 da Questão I da ST, Tomás de Aquino propõe discutir se a teologia é uma sabedoria. Para isto, conforme seu modelo silogístico, propõe a questão sob três afirmações tomadas de Aristóteles, e em seguida três contraditórios como refutações, para depois então fazer suas afirmações sumárias. Aquino toma o conceito a partir da ideia grega de sabedoria (*sophía*), corroborada quando necessário por fragmentos bíblicos e citações de Agostinho.

O que é uma sabedoria? Quando é que uma doutrina se traduz em sabedoria? O aquinate toma excertos de textos aristotélicos, bíblicos e teológicos para sua argumentação. Da filosofia toma o argumento de que sabedoria é a transformação

de um conhecimento em ética de virtude própria. Dos textos bíblicos, o argumento de que a sabedoria é uma infusão do Espírito Santo. E da teologia, a expressão de Agostinho de que a sabedoria é conhecimento das coisas divinas.

Evidentemente que há uma diferença entre a concepção da sabedoria na religião, na teologia e na filosofia, pois seu significado advém de âmbitos diferentes. No âmbito das religiões em geral sabedoria é modo de vida no mundo à semelhança dos deuses, ou seja, a mitologia como modelo arquetípico; desta forma, por exemplo, é que a mitopoética de Homero e Hesíodo na Grécia pré-filosófica almeja transmitir sabedoria prática através do heroísmo de si. No âmbito da teologia, considerando a literatura de sabedoria do Antigo Testamento, antes da teologia propriamente dita dos Pais da Igreja, a sabedoria é a vida de temor a Deus e de justiça prática na vida cotidiana comunitária. Já no âmbito da filosofia é a ética, de virtude e verdade para a vida boa.

Lima Vaz (2002, p.51) diz que todo *ethos* cultural desde a antiguidade manteve entre o religioso e o político a normativa

de vida com validade de “sabedoria de vida” ou um *saber ético*: “A *sabedoria da vida* constitui a forma de *linguagem* própria do saber ético e, como a religião e o próprio *ethos*, sua origem se perde no passado mítico dos diversos grupos humanos que nela depositam os ensinamentos de sua milenar experiência e fazem dela a substância da *tradição ética*”.

Vernant (2003, p.43) diz que na Grécia clássica a *sophía* é o modo de vida pública que se mede pelo modelo de deuses e homens nobres: “Esta *sophía* aparece desde a aurora do século VII; está ligada a uma plêiade de personagens bem estranhos aureolados de uma glória quase lendária e sempre celebrados pela Grécia como seus primeiros, como seus verdadeiros ‘Sábios’”.

Segundo Brisson & Pradeau (2010, p.39), em Platão, a Filosofia “Não tem o status de um saber, de uma sabedoria (*sophía*), e sim de um amor ou desejo desta: ‘os que já são sábios não filosofam, sejam eles deuses ou homens’ (*Lísis*, 218a)”. Portanto, a sabedoria da filosofia é um *desejo de saber*. Logo, se é desejo de saber, então a sabedoria se traduz na virtude (*areté*)

de saber viver (*phronésis*), e “A virtude é a excelência na função própria de ser de cada coisa (p.72).

E conforme Pierre Pellegrin (2010, p.67), para Aristóteles, a virtude (*areté*) se traduz como ética: “A virtude ética é ‘um estado habitual que leva a escolher, que é um justo meio relativamente a nós, o qual é determinado por uma regra, tal como o determinaria o homem prudente’ (*Ética nicomaqueia* II, 6, 1106b36)”. Assim se vê que a concepção de sabedoria foi se diluindo quanto mais a educação tornou-se racional.

No âmbito bíblico a concepção de sabedoria parte de um extenso fundamento bíblico. Antes de vermos como a teologia é sabedoria na *Suma*, devemos dar mais um passo e ver o que diz a *Bíblia* sobre a sabedoria?

De modo geral no *Antigo Testamento* a sabedoria é um modo de viver centrado na vontade de Deus, tal como no exemplo dos patriarcas, como Abraão (Gn 12-24), e nas suas leis (Pentateuco). A sabedoria é contemplar a Deus, tal como Moisés e Aarão “viram o Deus de Israel” (Êx 24.9-11), bem como também estar “cheio do espírito de sabedoria” após a

imposição de mãos (Dt 34.9). Tal foi o famoso pedido de Salomão para governar o povo: “Dá, pois, a teu servo, um coração obediente, capaz de governar teu povo e de discernir entre o bem e o mal” (1 Rs 3.5-14).

Nos livros sapienciais bíblicos a verdadeira Sabedoria é uma “inteligência” escondida em Deus, da qual o homem pode tirar conselho e força: “Ora, é em Deus que está a sabedoria e a força: ele tem o conselho e a inteligência” (Jó 12.13). Aí, no centro dos livros sapienciais, aparece a figura do “sábio como o justo”, tanto no exemplo de Jó, quanto na poesia-canção, como no Salmo 1. O “sábio” (*hakam*) é aquele que “anda retamente diante de Deus” e “fala sabiamente aos homens”: “A boca do justo fala a sabedoria, sua língua diz o que é justo” (Sl 37.30). Contemplar as “obras de Deus” na natureza também é atitude de sabedoria: “Como são numerosas, SENHOR, tuas obras! Tudo fizeste com sabedoria, a terra está cheia das tuas criaturas” (Sl 104.24).

Há livros especialmente dedicados à sabedoria: *Provérbios*, como educação para a vida virtuosa; *Eclesiastes*,

reflexão sobre o sentido da vida e para modelo de ética-estética da existência; *Cântico dos Cânticos*, como coletânea de poemas sobre as duas faces da *páthos* da vida: sobre o *prazer* do amor conjugal; e ainda o *lamento* das tragédias da vida (Lamentações de Jeremias).

Depois, na ética dos profetas, a sabedoria é “unção” de Deus, pois “Sobre ele há de pousar o espírito do SENHOR, espírito de sabedoria e de compreensão, espírito de prudência e de valentia, espírito de conhecimento e temor do SENHOR” (Is 11.2). Mas, acima de tudo, é exigência de “misericórdia, bondade, justiça praticada” (*hesed*): “Já te foi indicado, ó homem, o que é bom, o que o SENHOR exige de ti: é só praticar a justiça, amar a misericórdia e viver humildemente com o teu Deus” (Mq 6.8).

No *Novo Testamento*, a sabedoria é centrada na pessoa de Cristo (*Lógos, Verbo*), pois “Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus” (1 Cor 1.24); por isso os judeus dele se admiravam dizendo: “De onde lhe vêm essa sabedoria e esses milagres?” (Mt 13.54). A sabedoria também quer dizer um crescimento



peçoal em conhecimento, pois o próprio Jesus “ia crescendo em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2.52). Em Atos, a sabedoria é poder do *Espírito* que capacita para a proclamação, como ocorre com Pedro, que “cheio do Espírito” põe-se em pé e “proclama à multidão” (At 2.14-36).

Paulo afirma sua pregação como sabedoria: “Minha palavra e minha pregação não se apoiaram na persuasão da sabedoria, mas em demonstração do poder do Espírito, para que a vossa fé se baseasse no poder de Deus e não em sabedoria humana” (1 Cor 1.4-5). Essa sabedoria-poder como um dom deve habitar a comunhão comunitária dos irmãos: “Com toda a sabedoria, instruí-vos e aconselhai-vos uns aos outros” (Col 3.16). Tal sabedoria tem sua fonte nas Escrituras, pois “Elas têm o poder de te comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé no Cristo Jesus” (1 Tm 3.15).

Finalmente Tiago recomenda: “Se alguém tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a concede generosamente a todos, sem impor condições, e ela lhe será dada” (Tg 1.5).

Portanto, a sabedoria é poder de Deus dado a quem lhe ama, teme e segue.

Tomás de Aquino considera se a *teologia* na sua totalidade, enquanto doutrina, tem status de sabedoria (a.6, Q I, ST). Para qualificar a *sabedoria* como “doutrina que tem seus princípios em si mesma”, Aquino toma seus argumentos da *Metafísica* (I, 982, a 17-19) de Aristóteles em que: “A missão do sábio consiste em ordenar e não em ser ordenado”. E da *Ética a Nicômaco* (IV, 2) extrai o princípio de que a sabedoria “dever ordenar” as demais ciências. Na autoeducação, a sabedoria como ciência se adquire através do estudo e a sabedoria como piedade se adquire pela busca do Espírito, pois a teologia “toma fora de si seus princípios (em Deus)” (AQUINO, 2001, p.145).

Para Tomas de Aquino a *sacra doctrina* (teologia) é sabedoria “por excelência”, tanto em “gênero particular como absoluto”, pois bem julga e ordena os demais saberes humanos porque procede de uma “causa superior”, que é o próprio Deus. Portanto, a ligação direta com Deus dá ao teólogo o direito de julgar as demais ciências quando os saberes destas negam a

realidade divina. Para isso, Tomás de Aquino parafraseia uma afirmação de Agostinho (*Trinitate*, XII) dizendo que “a sabedoria (da teologia) é chamada o conhecimento das coisas divinas”; e, se “a doutrina sagrada trata muito propriamente de Deus enquanto causa suprema”, então “quem considera simplesmente a causa suprema de todo o universo, que é Deus, merece por excelência o nome de sábio” (AQUINO, 2012, p.145).

Então, o primeiro argumento de Tomás de Aquino é que a doutrina sagrada (teologia) trata de Deus em si mesmo como fonte e fim de todo conhecimento, e toma como prova a afirmação de Paulo: “Pois o que de Deus se pode conhecer é a eles manifesto, já que Deus mesmo lhes deu esse conhecimento” (Rm 1.19). A teologia, então, é uma “ciência divina”, que com tal status, “regula, como sabedoria, todo o nosso conhecimento humano” (AQUINO, 2012, p.146).

O segundo argumento é que a força do conhecimento da teologia vem através da revelação: “Ora, o conhecimento próprio à nossa ciência é obtido por revelação e não por razão

natural”, e não como as demais ciências; portanto, é superior. Todavia, “não pertence à doutrina sagrada estabelecer os princípios das outras ciências, mas apenas julgá-las”. Mas com que fim, então, a teologia como ciência de princípio superior tem autoridade de juízo sobre as demais? O objetivo é julgar “Tudo o que nessas ciências se encontrar como contrário à verdade da ciência sagrada deve ser condenado como falso”. (AQUINO, 2012, 147).

Sto. Tomás toma como prova para este argumento a defesa de Paulo em 2 Cor 10 sobre a necessidade de se julgar os “sofismas” humanos: “Destruímos sofismas e todo orgulho intelectual que se levanta contra o conhecimento de Deus; e subjugamos todo pensamento para torna-lo obediente a Cristo” (2 Cor 10.4-5). Fica claro, então, que o aquinate pensa a submissão das ciências humanas a Deus, pois “O homem espiritual julga bem tudo” (1 Cor 2.15).

O terceiro argumento é o mais complexo, pois apresenta o próprio teólogo como “sábio” apto a julgar os demais saberes humanos, através de dois modos: *por autoridade* (por inclinação,

por possuir virtude), e *por conhecimento* (por moralidade, ainda que não a possua moral). Aquino toma da *Ética* (5, 1176, a, 17-18) a afirmação de Aristóteles de que o sábio é o virtuoso e que “o homem virtuoso é a medida e a regra dos atos humanos”. Ora, o “sábio da teologia” tem a capacidade de julgar tanto porque possui a sabedoria pelo estudo, quanto porque a recebe como dom do Espírito Santo (AQUINO, 2012, p.149).

Assim, vimos que a *dignidade da teologia*, dada pela exposição de Aquino é própria do lugar de subordinação das demais disciplinas científicas sobre a teologia à época da *escolástica medieval*, caso muito diferente do lugar que esta goza hoje entre as ciências modernas como mais uma das chamadas ciências humanas. No entanto, vemos que, enquanto busca de autoeducação transcendental, a teologia comunga de uma sabedoria universal que também tem paralelos em outras tradições espirituais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão sobre o que é um teólogo, que está no texto em referência, para ser respondida realmente precisa tocar indelével no conhecimento sobre o campo da teologia. Poderíamos ainda perguntar, quanto à produção de verdade, se a teologia é ciência ou sabedoria? E quanto à sua aplicação, a que ela se presta? E, finalmente, quanto à essência do ser do teólogo, talvez a seguinte colocação: a eficiência do teólogo deve residir na medida em que exerce em sua interioridade ao mesmo tempo um ser de *cogito* quanto um ser de *fides*.

O pensamento de Tomás de Aquino, embora essencialmente dogmático, no entanto é ainda modelo, porque consegue ao mesmo tempo ser científico “objetivo” e espiritual “piedoso”, sendo que “O que lhe interessava não era seu eu, mas a verdade, quer de Deus, quer das coisas mesmas”, e que “Sua inteligência ‘não se separa de uma unha’ dos dogmas da fé”; pois, “mesmo científica, sua teologia não deixa de ser também uma *scientia secundum pietatem*, como queriam os mestres franciscanos” (BOFF, 2012, p.110-111).

Segundo Clodovis Boff, Sto. Tomás usa pouco o termo “teologia”: “Como todos os teólogos do tempo, prefere a expressão *sacra doctrina*. Essa denominação já é significativa do caráter próprio da teologia: é um saber ‘sagrado’ porque se refere às coisas sagradas, os mistérios da fé”. Na sua leitura, a teologia do Doutor Angélico se funda sob o princípio epistemológico de que: *o discurso tem que se adaptar sempre ao objeto*. Ora, o objeto da teologia é a compreensão do “Mistério”; logo, “a teologia é necessariamente um discurso unguído de sacralidade”. Portanto, “a *scientia Dei* (Cf. Sb 13,1; Pv 2,5; Sb 2,13; Os 6,6; 1 Co 10,5) é forçosamente *scientia sanctorum* (Cf. Sb 10,10; Pv 9,10; 30,3)” (BOFF, 2012, p.111).

Não obstante a sacralidade doutrinária da teologia, esta tem também estatuto de *ciência*, mas pela via da *argumentação* formal e rigorosa, donde a escolástica tira da lógica silogística aristotélica a força de sua argumentação, como ainda desde a antiguidade. Mas, como ciência experimental, como queriam já os empiristas ingleses desde o Séc. XIII, o *objeto da teologia*, como

também o afirma Aristóteles, era inalcançável e indescritível, e nisto reside ainda hoje seu desafio.<sup>5</sup>

Boff assevera que “Sto Tomás insiste em afirmar que o *principium* da teologia são os *articuli fidei*, ou seja, as verdades reveladas” (2012, p.113). Ora, “como ciência, a teologia usa o método argumentativo; como sabedoria, uso o *modus orativus* (...), ou seja, o caminho da oração e da piedade” (p.112). Vemos que o problema da teologia já desde Agostinho e depois em plena medievalidade passa a ser sua mistura quase inseparável com a filosofia e o uso demasiado dos instrumentos da racionalidade para a afirmação de seus *articuli fidei*, e a perda do uso exclusivo das Escrituras como o cristianismo do primeiro século havia herdado da tradição judaica sinagoga.

Para o filósofo medievalista Etienne Gilson (2013, p.647), Aquino trouxe a fecundidade do empirismo aristotélico como

---

<sup>5</sup> AUBENQUE, Pierre, em *O problema do ser em Aristóteles*, 2012, p.300-341, faz excelente exposição da questão do problema com o conhecimento do objeto da teologia, sendo esta a “única ciência” (*scientia prima*) é, no entanto, uma “ciência inútil”, visto que seu objeto é indemonstrável pelos recursos da razão.



ciência para a teologia ao retomar o contato com a natureza e que o teólogo deveria ser capaz de obter nas ciências da natureza resultados incontestáveis e que a teologia os devia concentrar em seu benefício. Em Aquino a fé na revelação é sempre o ponto de partida das possibilidades da razão e isto é o que distingue entre o método do teólogo e o do filósofo: “A teologia baseia-se, ao contrário, na revelação, isto é, afinal de contas, na autoridade de Deus. Os artigos de fé são conhecimento de origem sobrenatural” (GILSON, 2013, p.651).

Boff destaca a dupla dimensão da teologia em Aquino: como ciência (*scientia*), ela é reflexão argumentativa; como sabedoria (*sapientia*), ela é espiritualidade de oração e piedade (BOFF, 2012, p.112). Portanto, é a interioridade da vida pessoal do cristão que corrobora sua intelectualidade científica.

Em Tomás de Aquino estas duas dimensões estão logicamente articuladas: a dimensão sapiencial da teologia é a dimensão originária e fundamental; a dimensão científica é derivada e posterior. Primeiro, temos a *lectio*, que gera a *unctio* espiritual; depois, vem a *quaestio*, com seu rigor científico.

Primeiro, o teólogo sente Deus; depois, ele pensa Deus (BOFF, 2012, p.112).

Boehner & Gilson (1988, p.451) confirmam a distinta natureza da teologia como *scientia* e *pietatem*, mostrando que esta sempre aponta para a possibilidade de harmonia entre fé e ciência, por um argumento de princípio simples: “a razão, como natureza criada por Deus, e a fé, como revelação do mesmo Deus, não podem contradizer-se, visto procederem da mesma fonte da verdade”. Assim, o que é de razão é verdadeiro; logo, fé e ciência devem ser unânimes no conhecimento da verdade (*veritatis*), ainda que teologia e ciência difiram entre si por seus métodos e por suas finalidades.

A amplitude do exercício do *saber*, sob o fluxo da liberdade do pensar que a tudo dissolve, é fonte de constante inquietação do ser, visto que este também se põe sob o influxo de uma necessidade interior de coagulação do *crer*, que é o que “assegura” perenidade ao ser. Eis o embate atual entre o relativismo racional e o absoluto da fé.

Esta questão aponta para a angústia original do ser que busca elevar-se pelo saber, mas também afirmar-se pelo crer. Ante a angústia da finitude, que se aguça cada vez quanto mais saber, o ser busca em si mesmo um fundamento de perenidade, uma pedra de si, um *absoluto* do ser, tarefa que só pode ser realizada pelo crer.

O processo de secularização levou a uma superação do sagrado como princípio de compreensão da realidade. A ciência ocupa sempre mais o lugar da religião e o fator sagrado tende a diminuir como princípio explicativo dos fenômenos. A secularização atingiu também o âmbito da vida que vai deixando de ser algo sagrado e intocável. A teologia, como sabedoria que se traduz em piedade, também tem hoje o desafio de “fazer ciência”, mesmo que para isso tenha de se utilizar de outros métodos científicos.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**. Petrópolis \RJ: Vozes, 2002.

AQUINO, T. **Suma Teológica: Teologia, Deus, Trindade**. Vol 1, Parte I. SP: Loyola, 2001

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Leonel Valandro. Porto Alegre\RS: Editora Globo, 1969.

\_\_\_\_\_. **Ética a Nicômaco**. SP: Martin Claret, 2009.

AUBENQUE, Pierre. **O problema do ser em Aristóteles**. SP: Paulus, 2012.

BOEHNER, P. & GILSON, E. **História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. Petrópolis\RJ: Vozes, 1988.

BOFF, Clodovis. **União de teologia e piedade: no pensamento e na vida de Santo Tomás**. Revista Eclesiástica Brasileira, t. 72. N. 286, p. 437-448, abril 2012.

\_\_\_\_\_. **Teologia e espiritualidade: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração**. Revista Pistis & Praxis, Teol. Pastoral, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 112-141, jan./abr. 2015.

BRISSON, Luc & PRADEAU, J-F. **Vocabulário de Platão**. SP: Martins Fontes, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. São Paulo: Cia das Letras, Vol. 1, 2002.

GILSON, Etienne. **A Filosofia da Idade Média**. SP: Martins Fontes, 2013.

Le GOFF, Jacques. **Em busca do tempo sagrado**. RJ: Civilização Brasileira, 2014.

LIMA VAZ, H. C. de. **Escritos de Filosofia IV: introdução à ética filosófica**. SP: Loyola, 2002.

PELLEGRIN, Pierre. **Vocabulário de Aristóteles**. SP: Martins Fontes, 2010.

TIJERO, Alberto Escalada, et al. **Suma de Teología: comentário al Prólogo y cuestión I**. Madri\ Espanha: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

VERNANT, J-P. **As Origens do Pensamento Grego**. 13.ed. RJ: DIFEL, 2003.